



## **ESTRANHAMENTE FAMILIAR: FRONTEIRAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM *FUN HOME* DE ALISON BECHDEL**

Renata Lucena Dalmaso<sup>1</sup>

Na graphic novel autobiográfica *Fun Home*, Alison Bechdel (2007, p. 104) descreve a relação que tinha com o pai nos seguintes termos: “não éramos apenas invertidos. Éramos inversões um do outro”. No contexto da obra, essa afirmação ao mesmo tempo denota a homossexualidade dos personagens e a percepção de que eram “duplos” um do outro, tal como define Freud (1976). Este trabalho analisa justamente essa relação entre os dois personagens: como identificam através de seus duplos as suas próprias “inversões” de gênero e sexualidade. Ainda que essa identificação inesperada com seu “outro” por vezes una os personagens no decorrer da narrativa, ela é também constante motivo de estranhamento entre os dois.

De acordo com Freud, o duplo está entre as ocorrências que levam à sensação do “estranho”, ou, em inglês, “uncanny”, conforme descrito no ensaio “The Uncanny”, de 1976. O psicanalista define o estranho como a “classe do assustador que remete a algo antigo e familiar”<sup>2</sup> e no ensaio elabora uma lista de vários tipos de ocorrências que ele acredita possam causar essa sensação (FREUD, 1976, p. 620). Nessa lista o autor cita, entre outros exemplos: “o fenômeno do ‘duplo’, coincidências, animismo, magia, onipotência de pensamentos, atitudes em relação à morte, repetição involuntária e o complexo de castração”<sup>3</sup> (p. 635). O ‘duplo’ é na verdade a primeira causa do estranho explorada por Freud em seu ensaio e, para este artigo, a mais importante.

O fenômeno do ‘duplo’ acontece quando há personagens que se assemelham em demasiado, seja fisicamente ou através de outra característica marcante de sua personalidade ou história. O ‘duplo’ é marcado, de acordo com Freud (1976), pelo fato do sujeito questionar sua verdadeira identidade, pela dúvida de qual seria a sua real existência, se a sua ou a do ‘outro’. Em outras palavras o ‘duplo’ significa simultaneamente uma duplicação, uma divisão e uma troca do sujeito. Freud (1976) cita dois elementos como clássicos evocadores da sensação do estranho associada ao ‘duplo’: espelhos e sombras.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Inglesa, UFSC. rldalmaso@gmail.com

<sup>2</sup> “[. . .] that class of the frightening which leads back to what is known of old and long familiar [. . .]” (minha tradução).

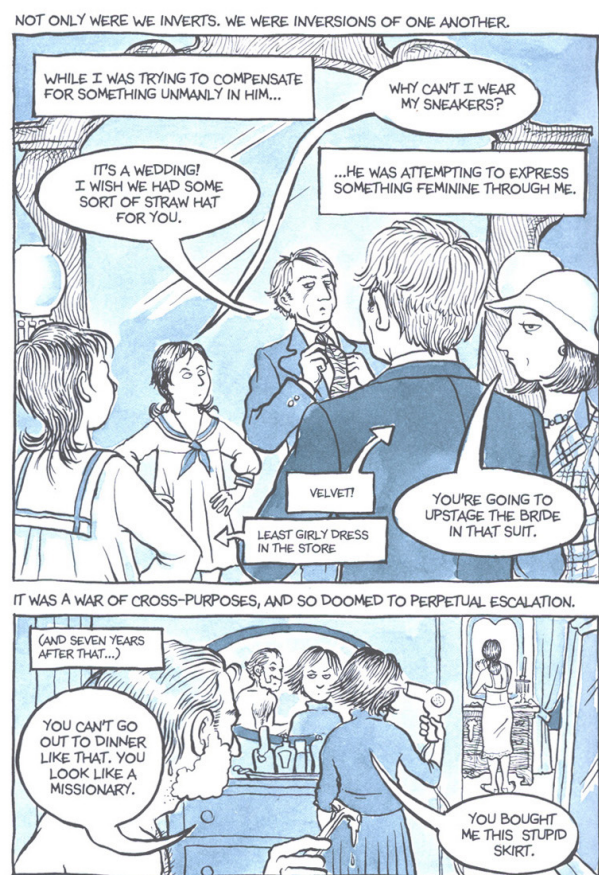
<sup>3</sup> “[. . .] animism, sorcery, the omnipotence of thoughts, man’s attitude to death, involuntary repetition and the castration complex [. . .]” (minha tradução).



Ambos são amplamente explorados em *Fun Home*. Na obra percebemos que o ‘outro’, o ‘duplo’, da personagem principal é seu pai Bruce (e vice-versa), os dois personagens são extensões um do outro e podemos verificar isso em várias passagens marcadas justamente pela presença de sombras e espelhos. Em vários quadros inclusive, a única interação entre os dois personagens se dá apenas através de seus reflexos no espelho. Na imagem a seguir há um intervalo de sete anos entre o primeiro e o segundo painel, mas o comportamento dos dois personagens permanece o mesmo. A cena se repete: os personagens se antagonizam, ou antagonizam a si mesmos através de seus respectivos ‘duplos’.

A conversa inteira se dá no universo de seus reflexos no espelho, seus olhos só se cruzam virtualmente. Se o espelho em si só é comumente associado com a evocação da imagem do ‘duplo’—de um ‘outro eu’ que apesar de idêntico é separado de um suposto ‘eu original’—aqui vemos uma extrapolação desse cenário. Ao invés de identificarem no seus próprios reflexos a existência do ‘duplo’, tanto Alison quanto seu pai parecem ver no reflexo do outro essa presença. Isso é ainda mais evidente se considerarmos que em nenhum dos painéis os personagens olham para si mesmos no espelho. Eles estão de fato enxergando os seus ‘duplos’ no reflexo, o que significa dizer que veem um ao outro.

Da mesma forma é possível argumentar que a natureza complementar do seu relacionamento é exacerbada pelo posicionamento e vestimentas dos personagens nos dois painéis. Em um intervalo de sete anos vemos dois personagens, um ‘claro’ à esquerda e o outro ‘escuro’ no centro, em uma clara dicotomia. Eles se justapõem nos dois momentos, como se Alison inicialmente à esquerda tomasse o lugar do pai ao centro, que por sua vez passa a ocupar o lugar da figura quase saindo do quadro, enquanto que a mãe/esposa mantém-se à margem nas duas situações.





A narradora Alison conjectura no painel acima que enquanto ela mesma tenta suprir a falta de masculinidade que percebe em seu pai, ele por seu lado procura expressar uma feminilidade reprimida na filha. Essa projeção por parte dos personagens permeia a narrativa e explicita a relação de ‘duplo’ recíproca entre pai e filha. A expressão de um evidencia a falta do outro. É ao mesmo tempo algo que os distancia e causa conflito e algo que os aproxima. Na maior parte das vezes essa relação é conflituosa, conforme visto no painel mostrado anteriormente, onde presenciamos uma frustração dupla. Por um lado nenhum dos dois consegue expressar-se de maneira satisfatória e por outro veem no outro essa mesma frustração, o que ocasiona um aumento dessa sensação. Freud explica o estranho como sendo um medo do que está reprimido, como uma sensação ocasionada quando algo reprimido vem à tona. No caso de Alison e Bruce, eles veem no outro a dissatisfação ocasionada pela incoerência de gênero<sup>4</sup>.

Alison se identifica com características masculinas enquanto seu pai se identifica com as femininas. Esse sentimento de incoerência é reprimido de maneira inconsciente e vem à superfície justamente quando evidente na figura de um outro, de um duplo. É uma dupla farsa reconhecida inconscientemente por ambos no outro. Nessa farsa implicitamente admitida, eles encontram um ponto em comum para relacionarem-se, uma “zona desmilitarizada” nas palavras da própria Alison: o apreço comum por beleza masculina



(p. 105). A farsa é continuada mesmo nesse ponto em comum, como ela mesmo esclarece: “mas eu queria músculos e tweed como meu pai queria veludo e pérolas—subjetivamente, para mim” (p. 105). Como mostra o painel apresentado, essa relação de duplicidade vai além da questão da incoerência de gênero compartilhada pelos personagens.

Ao se descobrir lésbica, Alison acaba por descobrir ainda um outro aspecto dessa relação de ‘duplo’ com o pai. Quando ela assume para os pais sua homossexualidade descobre também a homossexualidade não assumida do pai. Bruce não se demonstra surpreso ou contrariado como a

<sup>4</sup> Utilizo aqui a definição de incoerência de gênero de Judith Butler (1990) em *Gender Trouble*: “there are some individuals who appear to be persons but who fail to conform to the gendered norms of cultural intelligibility by which persons are defined” (p. 23).



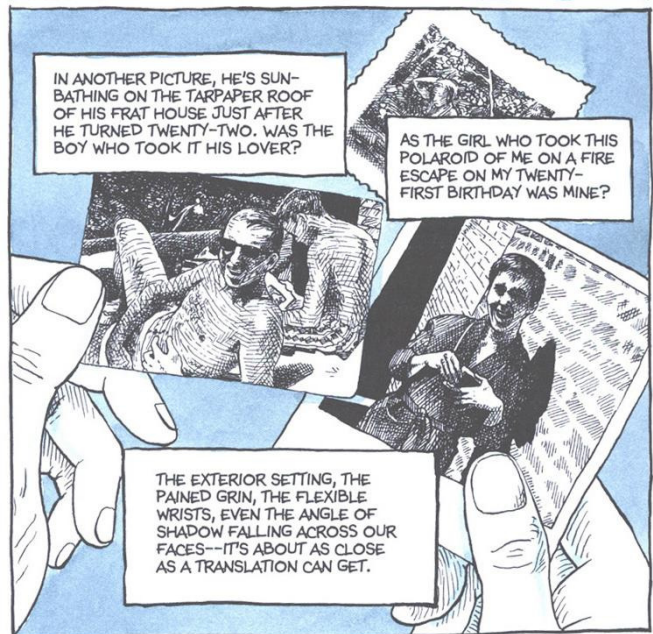
mãe de Alison ao receber a notícia: “meu pai ligou após recebê-la. O estranho é que ele parecia feliz em imaginar que eu estava em meio a alguma orgia” (p. 83). Assim como em outras passagens ele parece experimentar a vida acadêmica indiretamente através de Alison, como se estivesse no lugar dela, nessa questão ele parece viver pela filha a liberdade de poder sair do armário.

MY FATHER CALLED AFTER RECEIVING IT. HE SEEMED STRANGELY PLEASSED TO THINK I WAS HAVING SOME KIND OF ORGY.



Se a identificação da “inversão” de gênero, conforme Alison descreve, em seus respectivos ‘duplos’ é motivo de conflito constante; a homossexualidade de ambos por outro lado é uma coisa que os une. Ao longo da narrativa um dos poucos diálogos entre os dois onde não há uma relação de autoridade, ou de tentativa de subversão dessa autoridade, acontece quando Alison e Bruce conversam francamente sobre homossexualidade. É um momento onde não há entre eles uma relação de hierarquia tal qual o resto da narrativa, Bruce confia sentimentos e histórias para a filha como nunca até então. Nesse momento Alison descreve uma outra inversão de papéis: frente às confissões do pai ela experimenta sentimentos maternos. A cumplicidade tácita entre eles sobre esse assunto pode ser notada até na forma como Bruce age com a filha inicialmente a respeito de sua própria homossexualidade, ele simplesmente parte do pressuposto de que ela já sabe, não há uma revelação oficial, um anúncio explícito dele para ela.

O fenômeno do ‘duplo’ permeia a obra de Bechdel conforme os exemplos citados neste trabalho procuram mostrar. Seja por evidências de um “retorno do reprimido” ou por identificação em um ‘outro’, a relação entre pai e filha é marcada por esse fator. A consciência desse aspecto na relação entre os dois é parte da reflexão exercida pela narradora-autora-personagem, tanto a respeito da natureza do relacionamento entre ela e o pai quanto a respeito da personalidade difícil dele. Com a perda precoce do pai, um possível suicídio, Alison perde seu ‘duplo’, fica portanto incompleta. Ela pode apenas conjecturar sobre as lacunas da história de seu pai, e o faz de acordo com detalhes de sua própria história. No painel final de um dos capítulos ela segura duas fotos na mão, uma sua e outra de seu pai, ambos na época da faculdade, ambos jovens. A mesma pose, a mesma luz, o mesmo sorriso. Ela se pergunta se a foto dele foi tirada por um possível namorado, da mesma forma que a dela foi tirada por uma namorada no aniversário de vinte e um anos. Como duplos suas histórias de uma maneira ou outra se completam.



Os contrastes entre a maneira que Bruce e Alison lidam com essas questões são muitos. A geração que os separa pode, e é claro deve, ter influenciado nas diferentes decisões tomadas. O que fica evidente ao final da narrativa é que a reflexão sobre o pai ser seu 'duplo' foi fundamental no processamento dessas questões para Alison. Nas últimas páginas ela fala sobre a paternidade espiritual presente na relação entre os

personagens de James Joyce, Stephen Dedalus e Leopold Bloom. No caso dela e de seu pai, a paternidade espiritual e consubstancial coincidem ela conclui. Eles compartilham um laço de sangue, mas não é esse o fator que melhor define a natureza de seu relacionamento. O que define a intensidade do seu relacionamento é a ligação espiritual, o fato de serem 'duplos' um do outro. No último capítulo Alison reflete sobre o suicídio do pai: "uma vida inteira escondendo a própria verdade erótica pode ter tido um efeito renunciante cumulativo. A vergonha sexual é em si um tipo de morte" (p. 234). Investida no papel de 'duplo', Alison toma para si a tarefa de revelar essa verdade erótica de seu pai. O exercício de escancarar essa verdade sobre o pai ao longo da narrativa pode ser entendido então como uma maneira de recuperar essa ligação entre eles.

### *Bibliografia*

BECHDEL, Alison. *Fun Home*. Tradução André Conti. São Paulo: Conrad Editora, 2007.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

FREUD, Sigmund. *The Uncanny*. *New Literary History*, v.7, n.3. Spring 1976. 619-645.